

Minério de cobre ou “pão do Chile”: A vila de Sewell, a mina El Teniente e a novela social chilena

*Por Amina Vergara**

Introdução

Tomar romances como fontes históricas pode ser algo tão sedutor quanto perigoso, pois, de maior ou menor importância em sua trama, eles sempre irão conter um elemento real e palpável. A capacidade de invenção da literatura sobre coisas que existem de verdade pode ser, ao mesmo tempo, uma rica fonte e uma armadilha para o historiador.

Sendo assim,

Termos como ‘ficção’ ou ‘possibilidade’ não devem induzir ao erro. A questão da prova permanece mais que nunca no cerne da pesquisa histórica, mas seu estatuto é inevitavelmente modificado no momento que são enfrentados temas diferentes em relação ao passado, com ajuda de uma documentação que também é diferente (...).
(GINZBURG, 2006, p.334)

O estatuto da prova é modificado de acordo com Ginzburg, mas ela não se torna obsoleta, pois, mesmo que haja uma aproximação muito estreita entre o discurso literário e o histórico e que os resultados de uma investigação histórica possam ser expressos em forma de narrativa, não significa que esse “aspecto de prática literária” faça da história, ficção. E é para autores como Hayden White que Ginzburg dirige sua crítica:

Hoje a insistência na dimensão narrativa da historiografia (de qualquer historiografia, ainda que em diferente medida) se faz acompanhar, como se viu, de atitudes relativistas que tendem a anular *de fato* qualquer distinção entre *ficção* e *história*, entre narrações fantásticas e narrações com pretensões de verdade. Contra essa tendência, ressalte-se, ao contrário, que uma maior consciência da dimensão

narrativa não implica uma acentuação das possibilidades cognoscitivas da historiografia, mas, ao contrário, sua intensificação. (GINZBURG, 2006, p.329)

Somente porque os resultados de uma pesquisa histórica possam dar-se através da forma narrativa e que o discurso histórico se aproxime mais do discurso da Literatura do que do discurso da Economia, por exemplo, isso não significa que seu conteúdo seja inventado, como afirma Hayden White entre outros autores. O historiador costarriquenho Hector Perez Brignoli faz a mesma crítica acerca desta questão, anteriormente apresentada por Ginzburg:

Los resultados de la investigación histórica se expresan en un discurso literário, generalmente narrativo. (...) Pero este aspecto de práctica literária no significa que la historia sea ficción y en este sentido, parecida al cuento o a la novela (PEREZ, 2007, p.2)

Contudo, ainda que a escrita da História comporte elementos da imaginação – a imaginação aqui é fundamental na escolha do tema, na leitura das fontes, na aplicação das ferramentas de análise, na coleta dos dados e na interconexão dos argumentos, não sendo sinônimo de invenção, mas de criação (LIMA, 2006, p.115) –, História e Literatura não se confundem:

(...) como fato da realidade, o mesmo fenômeno pode dar lugar aos tratamentos diferenciados do historiográfico e do ficcional. A história, chamemo-la crua, não equivale ao encaminhamento da dor de cabeça, porque os tratamentos historiográfico e ficcional não são meras disciplinas distintas de um mesmo tipo de saber. Cada um deles retira a história crua da pura empiricidade para elaborá-la segundo modos bem diversos (LIMA, 2006, p.117).

Da banana ao cobre

Tendo-se pesquisado a fundo a estrutura da *United Fruit Company* em minha dissertação de mestrado, notou-se que as companhias estrangeiras que se instalaram no

Chile ainda em fins do século XIX, com o propósito de explorar as imensas minas de cobre do país, apresentaram a mesma estrutura quanto à disposição dos alojamentos dos trabalhadores, escritórios dos funcionários administrativos e à formação de redes sociais, por exemplo.

A produção de cobre da mina *El Teniente* é, atualmente, parte essencial do PIB chileno, daí a denominação do minério como “pão do Chile”. Entretanto, a vila de *Sewell*, que na década de 1950 chegou a comportar cerca de 16 mil pessoas, foi abandonada e há poucos anos, tombada Patrimônio Histórico da Humanidade.

Acreditamos que um estudo comparativo entre os dois tipos de companhia, podendo mesmo ampliá-lo para outras companhias estrangeiras, em sua maioria estadunidenses, que se instalaram na América Latina em fins do século XIX e inícios do XX, pode ser um caminho para ampliar a pesquisa e o entendimento das relações sociais dos trabalhadores dessas empresas.

Assim como a *United Fruit Company* na América Central, as companhias exploradoras de cobre no Chile, a *Anaconda Copper Mining Company* e a *Braden Copper Mining Company*, causaram considerável impacto no imaginário social de seus trabalhadores, impulsionando a produção de alguns romances acerca da ação dessas companhias.

Escritores chilenos que fizeram parte ou foram influenciados pela chamada *Geração de 1938* descreveram com lirismo e precisão a realidade dos mineiros. Um bom exemplo é o romance *Sewell* do escritor chileno Baltazar Castro, de 1946.

Breve histórico da United Fruit Company:

- Criada a partir da fusão de duas empresas estadunidenses de médio porte, exportadoras de banana, em 1899;
- As primeiras plantações foram estruturadas no Panamá;
- Atuou em todos os países da América Central, além de República Dominicana, Cuba, Colômbia, Venezuela e Equador, principalmente durante o século XX;

- Firmou-se como multinacional por conta de benefícios como a concessão de terras e isenção de impostos;
- Monopolizou por várias décadas o mercado estadunidense;
- Atravessou diversas crises sendo dividida e comprada por outras empresas estrangeiras. Em alguns países, parte dela foi estatizada.
- Atuou de forma negligente e muitas vezes hostil, desrespeitando leis, corrompendo governantes e ignorando direitos trabalhistas;
- Tal atitude teve como consequência, entre outras, a produção de uma vasta bibliografia sobre a estrutura da empresa, assim como romances acerca de suas ações:
 - ❖ *Mamita Yunai*, de Carlos Luis Fallas, Costa Rica, 1941; (trabalhador da UFCo)
 - ❖ *Prisión Verde*, de Ramón Amaya Amador, Honduras, 1950; (trabalhador da UFCo)
 - ❖ *Puerto Limón*, de Joaquín Gutiérrez, Costa Rica, 1950;
 - ❖ *Flor de banana*, de Joaquín Beleño, Panamá, 1965.
 - ❖ *Trilogia bananeira* de Miguel Angel Asturias (fonte de pesquisa da Dissertação): *Viento Fuerte* (1947), *El Papa Verde* (1956), *Los Ojos de los Enterrados* (1960).

O romance – Sewell

O escritor Baltazar Castro inspirou-se no episódio real da *Tragedia del Humo*, ou *El Humo* (fumaça) para escrever seu breve relato. Este acidente foi o maior já registrado em uma mina metalífera em todo o mundo. Deu-se em 19 de junho de 1945 na Mina *El Teniente*, quando ainda era propriedade da *Braden Copper Mining Company*, onde 355 mineiros morreram (o que correspondia um terço dos trabalhadores de um turno daquele dia).

De acordo com investigações da época, a origem da tragédia foi a propagação do monóxido de carbono produzido pelo incêndio que tomou uma das fornalhas localizadas em um dos portais de acesso à mina. A fumaça se espalhou pelo interior da mina através do sistema de ventilação precário existente na época, asfixiando os mineiros.

A maior parte dos mortos foi encontrada em buracos de escavações que se encheram de gás. Alguns mineiros se salvaram abrindo as chaves de ar comprimido dos corredores da mina e outros evacuaram por um setor abandonado.

A retirada dos corpos durou três dias. Os mortos foram levados até *Sewell* para sua identificação pelos familiares. Em seguida foram transportados para Rancagua, onde foram sepultados com grande comoção de parentes e moradores da cidade. Grande parte das vítimas foi sepultada no Cemitério N° 2 de Rancagua, com a presença do Presidente da República, Ministros e autoridades da *Braden Copper*.

A cada 19 de junho, desde 1946, o "Sindicato de Trabalhadores Sewell Mina" organiza uma romaria até o Cemitério 2 em memória dos falecidos, com a presença de familiares, trabalhadores na ativa e trabalhadores aposentados.

(Fonte: BAROS, M.C. *El Teniente, Los Hombres del Mineral: Tomo II, 1945 - 1995*. Instituto de Ingenieros de Minas de Chile. Santiago de Chile, 1999).

O autor

Baltazar Castro trabalhou nas minas de cobre de El Teniente desde jovem, onde chegou a ser chefe da seção de estatística do sistema ferroviário da mina.

Filiou-se ao *Partido Vanguardia Nacional de los Pueblos* em inícios da década de 1940. Foi eleito deputado, presidente da Câmara dos Deputados e senador. Foi membro do grupo literário *Los Inútiles*, de Rancagua e de outras associações culturais como o *Conselho Continental da Cultura*, a *Aliança de Intelectuais* e a *Sociedade de Escritores do Chile*.

Embora não tenha feito parte diretamente de nenhuma escola literária, Baltazar Castro foi contemporâneo e dialogou com os escritores como Nicomedes Guzmán e Oscar Castro. Ambos fizeram parte do movimento literário *Generación Literária de 1938*.

A Generación Literaria de 1938

A Segunda Guerra Mundial (1939), a Guerra Civil Espanhola e o advento da *Frente Popular* no quadro político foram fatores determinantes para os escritores dessa escola, que nasceu entre as turbulentas transformações políticas de 1920 (a ascensão de governos e lideranças progressistas). Suas obras deram ênfase a problemas sociais, tendo como tema central o homem, a luta contra a natureza e a luta contra a opressão. Privilegiou a estética e o subjetivo, como influência do surrealismo europeu por um lado e a linguagem regionalista e direta por outro.

Como afirma o escritor chileno Hugo Montes:

Não se trata de uma brincadeira estética de um ambiente de autenticidade discutível, mas uma busca profunda pelas causas estruturais que originam o processo que angustia e oprime as classes despossuídas e a classe trabalhadora. Este naturalismo proletário, esta verdadeira épica social, como alguém assinalou, produziu uma 'ânsia apaixonada por transformar a vida nacional e dar ao trabalhador e ao camponês um estado de dignidade'. E assim vemos o nascimento de uma literatura de maior ressonância vital que não gira em torno de paisagens, mas sim, do homem comunitário. (MONTES, Hugo. *Historia de la literatura chilena*, 1955).

As empresas mineradoras

A *Anaconda Copper Mining Company* foi uma das companhias mineradoras a se instalarem no Chile, juntamente com a *Braden Copper Mining Company*, nas duas primeiras décadas do século XX. A primeira, no norte do Chile, na cidade de *Chuquicamata*, próxima ao deserto do Atacama e a segunda, na região central, por debaixo da Cordilheira dos Andes. Ambas exploraram a maior riqueza mineral do Chile, o cobre.

A mina de Chuquicamata é a maior mina a céu aberto do mundo, com cobre a ser extraído por pelo menos mais noventa anos. Chegou a ser a quarta maior companhia do

mundo durante a década de 1950. Em 1971 foi estatizada pelo governo reformista de Salvador Allende e possui até hoje o sindicato de trabalhadores mais bem organizado e combativo do Chile, a *CODELCO – Corporación Nacional del Cobre – Chile*.

A mina *El Teniente* e a vila de *Sewell* chegaram a comportar 16 mil pessoas na década de 1950. Todas trabalhavam para *Braden Copper Mining Company*, propriedade de William Braden e Barton Sewell. Em 1967 o governo chileno adquiriu 51% das ações desta companhia no processo conhecido como “chilenización del cobre”, que concluiu-se em 1971 com a total nacionalização da empresa, também passando a ser administrada pela CODELCO.

As duas minas permanecem em atividade até hoje. Entretanto, a vila de Sewell começou a ser abandonada no final da década de 1960, quando o ar e a água ficaram contaminados com os resíduos produzidos pela mina. Poucos anos depois foi inaugurada a estrada que ligava Sewell a Rancagua (cidade mais próxima), o que permitiu que muitos mineiros fossem trabalhar diariamente na mina sem precisar viver em Sewell. A última família a abandonar a vila saiu em 1981 e a cidade começou a ser sistematicamente demolida. A destruição só foi interrompida com o início do processo na UNESCO que, em 2006 tombou a vila de Sewell como Patrimônio da Humanidade.

O cobre é chamado de “pão do Chile” porque é o principal produto de exportação do país, responsável pela entrada de milhões de dólares. Existem dezenas de minas, algumas delas particulares e outras comandadas pelo governo. Somente as minas de cobre da CODELCO, são responsáveis por 40% do PIB chileno.

Além das minas de cobre, o Chile possui minas de carvão na cidade de Lota, Província de Gran Concepción, região centro-sul do país e minas de salitre ao norte, nas regiões de Tarapacá, Arica e Antofagasta, fronteira com Bolívia e Peru. A disputa por essas áreas de mineração foi um dos motivos da Guerra do Pacífico entre 1879 e 1883, quando o Chile se apossou da província de Tarapacá, anteriormente do Peru, e da região de Antofagasta, deixando a Bolívia sem saída soberana para o mar.

Pontos de intersecção: Companhias Bananeiras e Mineradoras

As condições de vida dos trabalhadores das minas no Chile em inícios do século XX é muitíssimo parecida com as dos trabalhadores bananeiros da América Central no mesmo período.

A *trilogia bananeira* (do escritor guatemalteco Miguel Angel Asturias) analisada em minha dissertação e o romance Sewell mostram uma estrutura organizacional das Companhias (de banana e cobre) muito semelhante. As cidades são erguidas em torno das empresas e não o contrário, essas vilas têm hospital, escola, igreja, área de recreação, comércio, alojamentos para os altos funcionários e os trabalhadores e suas famílias, sendo que tudo gira em função dessas grandes corporações.

Os romances também se assemelham na caracterização dos trabalhadores braçais: ao mesmo tempo em que querem ir embora em busca de outra vida, não conseguem e muitos se refugiam dessa angústia na bebida alcoólica. Além disso, as doenças devido às precárias condições de trabalho são uma constante e o trabalho repetitivo, arriscado e infundável castiga o corpo e a alma desses trabalhadores.

“Van empujados por el viento y la nieve, que les dan brillos insospechados a las viseras de metal. Encorvados, tanto por las ocho horas vividas en la penumbra de las galerías como por el vano intento de suavizar el cruel azote temporal.” (Baltazar Castro, Sewell, p.72)

A intenção desta pesquisa, ainda incipiente, é continuar investigando a vida desses trabalhadores “da ponta”, suas relações de trabalho e relações sociais, principalmente dos trabalhadores das grandes corporações.

E sempre que possível, utilizar a Literatura como fonte histórica, na medida em que a Literatura faz mais do que ampliar nossas perspectivas: ao mapear a realidade, anunciando territórios inexplorados e desconhecidos, ela nos permite desvelar o que de outro modo talvez não fosse possível. Mesmo que a narrativa literária comporte altos

graus de subjetividade e imaginação, isso não fará dela uma fonte mais ou menos confiável, é apenas outro tipo de fonte.

De acordo com Mario Vargas Llosa:

(...) a irrealidade e as mentiras da literatura são também um veículo precioso para o conhecimento de verdades ocultas da realidade humana. Essas verdades não são sempre atraentes. Por vezes a imagem que se delineia no espelho que os romances e os poemas nos oferecem de nós mesmos é a imagem de um monstro. (...) (VARGAS, in, MORETTI, 2009, p.30)

Bibliografia

CHARTIER, Roger. A história ou a leitura do tempo, Editora Autêntica, Belo Horizonte: 2009.

BAROS, M.C. *El Teniente, Los Hombres del Mineral: Tomo II, 1945 - 1995*. Instituto de Ingenieros de Minas de Chile. Santiago de Chile, 1999

GINZBURG, Carlo. Nenhuma ilha é uma ilha – Quatro Visões da Literatura Inglesa, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. Olhos de Madeira – Nove Reflexões sobre a Distância, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício, São Paulo: Companhia das Letras 2006.

GONZÁLEZ ECHEVARRÍA, Roberto. Alejo Carpentier, in, REY, Joaquín (compilação) Narrativa y crítica de Nuestra América. Madrid, 1978.

LIMA, Luiz Costa. A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa, Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1989.

MONTES, Hugo. *Historia de la literatura chilena*, 1955.

VARGAS LLOSA, Mario. É possível pensar o mundo moderno sem o romance?, in, MORETTI, Franco (org.). O Romance – vol. 1: A Cultura do Romance, São Paulo: Cosac Naify, 2009.